

Editorial

JOÃO VICTTOR GOMES VARJÃO 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
jvgomesvarjao@usp.br

Cadernos de Campo é a revista das alunas e alunos do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Editada desde 1991 pelo corpo discente do programa, o primeiro número do volume 31 traz múltiplas contribuições temáticas no âmbito das Ciências Sociais, em especial, da Antropologia: direito, doença, memória, quilombo, mídias sociais, conflitos territoriais, masculinidade, proibicionismo dentre outros. Essa diversidade reflete tanto nos campos empíricos dos pesquisadores e das pesquisadoras que contribuem neste número, quanto em suas abordagens teórico-metodológicas.

A seção Artigos e Ensaios traz cinco trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores contemporâneos. O primeiro artigo, de Sofia Cevallos (2022) apresenta resultados de seu trabalho de campo realizado entre 2013 a 2016, no Equador. Nele a autora acompanha os processos de organização do povo Kichwa do Yasuní (Amazônia equatoriana) frente à intensificação da extração petrolífera nos seus territórios. O artigos têm dois objetivos principais: 1) apontar o impacto da consolidação do pluralismo legal na Constituição política equatoriana de 2008 no âmbito dos direitos dos povos indígenas e os limites em contextos extrativistas; e, 2) abordar a maneira pela qual os Kichwa têm se apropriado do discurso relativo a seus direitos como ferramenta contra-hegemônica para denunciar a violência que vivem os povos indígenas e para desestabilizar o discurso oficial do desenvolvimento entendido desde a lógica do mercado e do capital transnacional.

Diego de Matos Gondim elaborando sua experiência com uma comunidade remanescente de quilombo do interior do estado de São Paulo apresenta um ensaio inspirado na proposta de Conceição Evaristo em pensar “escrevivências” e em uma construção performativa do texto a partir de pensadores e artistas como Grada Kilomba. No ensaio de Gondin (2020), as escrevivências são como um aporte complexo que imbrica memória, escrita, vida e poesia, e são trabalhadas a partir de conversações com moradores da comunidade quilombola do Mandira, buscando encarnar as memórias de seu trabalho de campo, mas também as vivências quilombolas, ultrapassando barreiras do tempo.

Por sua vez, Bárbara Rossin Costa (2022) apresenta uma pesquisa etnográfica no Centro de Referência em Atenção à Saúde do Idoso, da Universidade Federal Fluminense, buscando reconstruir e administrar as memórias de pessoas diagnosticadas com a Doença de Alzheimer e/ou outras demências nessa instituição. A partir da análise das dinâmicas observadas, a autora demonstra como memórias autobiográficas e cognição são encarnadas e entrelaçadas em fluxos materiais.



Outro artigo que compõe a seção é de autoria múltipla, composto pelas autoras Maria Rita Galhardo Batista, Vitoria Fernandes, Beatriz Emídio Moreno, Bianca Erina Sakiyama e Francirosy Campos Barbosa. Neste artigo, as autoras (Batista et al, 2022) analisam o conteúdo produzido por influencers muçulmanas, bem como o engajamento de seus seguidores em suas publicações. Acompanhando a tendência em se analisar as mídias sociais, as autoras buscaram compreender de que maneira a representatividade e a visibilidade desses perfis interferem na relação com os seguidores. Segundo as autoras, os perfis analisados são importantes para garantir a representatividade da mulher muçulmana no ambiente do Instagram. Com as produções voltadas para as mídias sociais, as blogueiras permitem levar conhecimento sobre o Islam ao público, bem como, desmitificar e combater preconceitos.

Finalizando a seção, Taynã Ribeiro (2022) apresenta reflexões referentes às suas experiências etnográficas junto a uma turma de bate-bolas do subúrbio do Rio de Janeiro. O autor propõe pensar a masculinidade a partir de uma perspectiva processual, examinando uma série de estratégias individuais e coletivas realizadas por membros dessa coletividade em seus processos de construção de gênero. Ribeiro considera que a participação nesses coletivos é uma importante fonte de identidade para uma parcela significativa dos homens que habitam o subúrbio carioca.

Na seção Especial, aglutinamos os trabalhos referentes ao dossiê proposto pela comissão editorial "Como se proíbe uma planta?", organizado por Diana Paola Gómez Mateus e Aline Ferreira Oliveira, reunindo pesquisas com experiências etnográficas e conceituais que discutem as relações entre plantas e formas de proibicionismo em variados contextos de pesquisa. Em "Plantas (i)legais: proibição, regularização e estados de transformação na América Latina contemporânea", Oliveira e Mateus (2022) situam o debate sobre regulamentação e proibicionismo em torno de drogas de origem vegetal, tendo como principal foco etnográfico o cenário latino-americano. Os trabalhos reunidos pelas autoras indicam questões, atores e problemática convergentes, ainda que particulares, registrando assim a distribuição ampla da discussão na bibliografia e no ecossistema regional. Iniciando a discussão, Thiago Rodrigues e Paulo Pereira analisam as tensões e movimentação das práticas relativas à Cannabis no Brasil a partir de uma perspectiva histórico-política. Utilizando o Drug Way Analysis (DWA) como instrumento teórico-metodológico, os autores consideram que o ritmo relativamente lento das reformas nas políticas sobre cannabis no país, quando comparado a outros contextos, é fruto de correlações de forças entre diferentes posições nos campos moral, político, social e econômico.

Em sequência, a partir de uma etnografia em redes translocais de ativistas que impulsionaram a Lei de Cannabis medicinal na Argentina (2017), María Cecilia Diaz analisa ações administrativas e ações militantes para focalizar o processo de metamorfose da planta de cannabis e seus derivados nos últimos anos. Nesse sentido, a autora apresenta a evolução da cannabis no contexto argentino. A pesquisa propõe entender a Cannabis como uma substância transgressora, conforme propunha Michael Taussig, com o fim de observar a continuidade dos modos classificatórios proibicionistas e o surgimento de outras formas de pensar e de se relacionar com a planta se unem com trajetórias de vida daqueles que se tornaram cultivadores, pesquisadores, empresários e usuários terapêuticos.

Pedro Musalem Nazar analisa o processo pela qual novos espaços clínicos se abriram no Chile. Espaços, nos quais, é possível usar drogas que até recentemente eram proibidas, especialmente a cannabis sativa e os cogumelos *Psilocybe*. Segundo o autor, essas mudanças estão relacionadas ao ativismo político para liberação das drogas (no país e na América Latina) nas primeiras décadas de XXI. A partir da análise, Nazar reflete como as subjetividades se desdobram nesses novos espaços clínicos.

Por fim, Ezequiel Ali Cortina Bello analisa a trajetória histórica da planta *Salvia Divinorum* no México, refletindo desde seu cultivo e uso tradicional à sua comercialização no mercado mexicano e mundial, implicando em sua proibição em países ao redor do mundo. Segundo o autor, nas últimas três décadas, a planta surgiu no mercado mexicano e mundial sob a forma de extratos altamente concentrados para fumar, que proporcionam uma poderosa experiência psicodélica, por isso, começou a ser vendida como uma “droga recreativa” ignorando os usos tradicionais que historicamente a acompanharam e implicando em seu descredito e sua proibição.

A seção Quimeras apresenta dois ensaios com contribuições diversas para a reflexão teórica e metodológica na Antropologia. O primeiro ensaio, denominado “O caixão do líder”, de Rogério Brites Wanderley Pires, apresenta o enterro do líder supremo do povo Saamaka, Belfon Aboikoni, em 2014, no Suriname. Por uma década, ele ocupara o cargo de Gaama, líder supremo dos Saamaka, povo businenge (ou quilombola) do Suriname. Sua importância ultrapassava os limites de seu povo: às exéquias compareceram lideranças ameríndias e businenge, políticos e militares surinameses, jornalistas de várias etnias e países. Seu enterro teve lugar após três meses de preparativos, ritos e comemorações. Nos dias que antecederam o enterro, ofereceram uma enorme festa, para talvez cinco mil convidados, com bandas de música, discursos de figuras de relevo, e até mesmo um pequeno momento ritual cristão. O ensaio acompanha o caixão desse líder em um momento ritualístico importante para o povo Saamaka. Uma de suas fotografias compõe a capa deste número.

O segundo ensaio, denominado “Grafias contra-coloniais: re-desenhando subjetividades”, é de Ana Clara de Sousa Damásio. Ao fazer pesquisa de cunho etnográfico em Canto do Buriti, Piauí, por três meses com-entre seus parentes, a autora foi mobilizada não apenas em relação ao que aconteceu antes ou durante o campo, mas também posteriormente ao mesmo. Segundo a autora, era necessário encontrar maneiras de contar para além das palavras ou fotografias que emergiram com a pesquisa, já que muitas das parentes não eram letradas. Recorrendo a uma das tendências do trabalho de campo antropológico, a autora recorre aos desenhos como uma possibilidade de comunicação a partir do repertório imaginativo e subjetivo de sua experiência, que são apresentados neste ensaio.

A seção Traduções apresenta um texto inédito de E. E. Evans-Pritchard em língua portuguesa. Em “Antropologia Aplicada”, texto de 1946 e traduzido nesta edição por Carmen Añon Brasolin, Evans-Pritchard oferece uma perspectiva do quais seriam, àquela altura, as possibilidades de diálogo entre o campo acadêmico-intelectual em torno do qual a disciplina foi se consolidando e o universo social mais amplo. Nas décadas seguintes, esse debate se reorganizou considerando, entre outras tantas possibilidades, as relações com a

administração pública e o exercício das políticas sociais, como ilustram e discutem os textos de acompanhamento da seção. No seu comentário à tradução Carmen Brasolin (2022) situa o lugar de Evans-Pritchard e sua perspectiva de antropologia aplicada, ao passo que Dominique Gallois e Leonardo Viana Braga buscam atualizar o debate considerando as negociações e recusas em torno da antropologia aplicada no debate sobre as questões indígenas no Brasil. A este conjunto de reflexões sobre a aplicabilidade da antropologia poderia somar-se ainda outros arranjos, tangenciando tanto o Estado quanto o mercado, a exemplo dos trabalhos reunidos no primeiro número de 2021. Na ocasião, ao refletir sobre as relações entre antropologia e mercado de trabalho fora dos contextos usuais de docência, pesquisa na universidade e atuação indigenista, apresentamos algumas reflexões que situavam o lugar da antropologia nos cenários de assessoria parlamentar (Belisário, 2021; Sprandel, 2021), editorial (Porto, 2021), e também das pesquisas voltadas ao consumo e formação da ideia de consumidor (Ribeiro, 2021; Cruz, 2021), considerando também a presença em espaços já consolidados na disciplina, como os museus (Botero, 2021). Reconhecer as aproximações e distanciamentos entre essas agendas pode ser uma forma de atualizar e ampliar o diálogo entre Antropologia – entendida como uma perspectiva e um compromisso ético e epistemológico com o mundo social e seus atores –, a sociedade e suas diferentes coletividades.

Por fim, apresentamos a resenha da obra *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*, da antropóloga Rosana Pinheiro-Machado escrita por Luis Fernando Novoa Garzon.

Desejamos uma leitura produtiva.

Referências Bibliográficas

- BATISTA, Maria Rita Galhardo; FERNANDES, Vitoria; MORENO, Beatriz Emídio; SAKIYAMA Bianca Erina; BARBOSA, Francirosy Campos. 2022. Influencers Muçulmanas no Instagram. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e183331. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe183331
- BELISÁRIO, Gustavo. 2021. Um antropólogo no gabinete: Notas sobre etnografia e o trabalho no parlamento. *Cadernos de Campo*, vol. 30, n 1: e185626. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe185626
- BOTERO, Hector Garcia. 2021. Un antropólogo en el museo: reflexiones a partir de la experiencia de la profesionalización de la antropología en los museos colombianos. *Cadernos de Campo*, vol. 30, n 1: e202022. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe202022
- BRASOLIN, Carmen Añon. 2022. Aplicações da antropologia vistas por Evans-Pritchard. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e183331. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe183331
- CEVALLOS, Sofia. 2022. Consultas previas y resolución de conflictos territoriales en el marco del pluralismo jurídico: el caso de los Kichwa del Parque Yasuní (Amazonía ecuatoriana). *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e186549. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe186549

- CORTINA, Ali Ezequiel. 2022. *Salvia divinorum*: Entre la prohibición y la construcción de su conocimiento. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e197817. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe197817
- CRUZ, Tatiana Alejandra. 2021. La antropología de la nueva normalidad: una realidad digital. *Cadernos de Campo*, vol. 30, n. 1: e185625. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe185625
- DAMÁSIO, Ana Clara. 2022. Grafias Contra-Coloniais: re-desenhando subjetividades. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e179116. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe179116.
- DÍAZ, Maria Cecília. 2022. El cannabis en sus transformaciones: notas etnográficas sobre el proceso de regulación de la planta de cannabis y sus derivados. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e195460. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1p e195460.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 2022 [1946]. Antropologia Aplicada. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e192686. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe192686.
- GALLOIS, Dominique; BRAGA, Leonardo Viana. 2022. Antropologia aplicada e a questão indígena no Brasil hoje: algumas considerações em diálogo com Evans-Pritchard. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e203786. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1p e203786.
- GONDIM, Diego de Matos. 2022. Vidas que perseveram: escrituras de uma comunidade quilombola como ruptura ótica e política. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e183331. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe187765
- NAZAR, Pedro Musalem. 2022. Nuevos espacios clínicos para Cannabis sativa y hongos Psilocibe en Chile. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e197349. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1p e197349.
- OLIVEIRA, Aline Ferreira; GÓMEZ, Diana Paola. 2022. Plantas (i)legais: proibição, regularização e estados de transformação na América Latina contemporânea. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e201147. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1p e201147.
- PORTO, Dora. 2021. Campos de edição. *Cadernos de Campo*, vol. 30, n. 1: e185628. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe185628
- PIRES, Rogério Wanderley Brites. O caixão do líder. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e179116. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1p e179116
- RIBEIRO, Florbela Almeida. Etnografia fora da academia: apropriação do método ou expansão das possibilidades de trabalho? *Cadernos de Campo*, vol. 30, n. 1: e187607. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe187607
- RIBEIRO, Taynã. 2022. Masculinidade, projeto e poder entre bate-bolas do Rio de Janeiro. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e192647. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe192647
- RODRIGUES, Thiago; PEREIRA, Paulo José dos Reis. De “Erva do Diabo” a panacea? Biopolíticas da Cannabis no Brasil. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e198075. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe198075
- ROSSIN, Bárbara. 2022. “Memórias, Materialidades e Narrativas na Doença de Alzheimer”. *Cadernos de Campo*, vol. 31, n. 1: e187765. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe187765
- SPRANDEL, Marcia Anita. 2021. Processos legislativos e antropologia: dá jogo? *Cadernos de Campo*, vol. 30, n. 1: e187691. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe187691.